



Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

O COMPONENTE DISCIPLINAR EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CURSO DE PEDAGOGIA: dilemas e desafios na formação do conhecimento acadêmico

ELILIA CAMARGO RODRIGUES

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

RESUMO

O artigo discute as significações do componente disciplinar Educação do Campo no curso de Pedagogia, os dilemas e desafios na formação do conhecimento acadêmico, tendo como referência a apresentação categórica prévia dos estudantes sobre o conceito de campo, atribuídos no início da formação disciplinar e no seu término. Trata-se de uma pesquisa de representação conceitual acerca do entendimento discente sobre a categoria campo no processo inicial da disciplina e após a sua finalização. Com isso essa contribuição, sistematiza os desafios encontrados na formação acadêmica dos estudantes; a construção e desconstrução de conceitos; o impacto do processo formativo na aprendizagem discente e os desafios da profissão docente. Os principais autores que fundamentam a discussão são: Nóvoa (1992), Vygotsky (1934), Fernandes (2006), Montoan (2006) e Caldart (2002). A pesquisa possui relevância etnometodológica e considera que existe fragilidade na prática docente e na aprendizagem discente.

Palavras-Chaves: Educação do Campo; Pedagogia; Conhecimento

ABSTRACT

The article discusses the meanings of the disciplinary component Education of the field in the course of Pedagogy, the dilemmas and challenges in the formation of knowledge, with the prior categorical presentation of the students on the concept of field, attributed at the beginning of the disciplinary formation and in its term. It is a conceptual representation research about the student understanding about the field category in the initial process of the discipline and after its completion; with this contribution, systematizes the challenges encountered in the academic formation of the students; The construction and deconstruction of concepts; the impact of the training process on student learning and the challenges of the teaching profession. The main authors of the discussion are: Nóvoa (1992), Vygotsky (1934), Fernandes (2006), Montoan (2006) and Caldart (2002). The research has ethnomethodological relevance and considers that there is fragility in teaching practice and student learning.

Keywords: Field Education; Pedagogy; Knowledge

INTRODUÇÃO

O componente disciplinar Educação do Campo tem significação própria no Curso de Pedagogia, porque atende a uma

perspectiva de atuação política pedagógica diferenciada, intercultural e contextualizada a partir dos conhecimentos referencialmente mediados, a saber: conceito de campo e a luta política do campesinato nas conquistas de direitos sociais à sobrevivência de agricultores, pescadores, extrativistas, quilombolas, indígenas e outros; o conceito de território como implicado nas relações sociais; as políticas públicas para as Escolas do Campo; ser educador do campo e outras expressões categóricas importantes para o entendimento da historiografia na diversidade brasileira.

Assim, essa sistematização é resultado de feitos metodológicos com os estudantes, colaboradores da pesquisa, que responderam o conceito de campo, no início do componente disciplinar Educação do Campo e após seu término.

Existe importância no conceito de campo para a disciplina, pois permite teorizar e visualizar, em uma linguagem contra hegemônica, o camponês na condição de protagonista da história de sua vida, na luta, como agente de mobilização das diversas formas de associativismo e por isso, caracteriza e significa os processos identitários próprios; relevantes para o reconhecimento da memória cultural dos povos. Essa fundamentação eleva em efeitos metodológicos a ótica etnometodológica, a interação, os saberes locais, originais e produzidos em cada locus de pesquisa.

O COMPONENTE DISCIPLINAR EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CURSO DE PEDAGOGIA:

As representações conceituais na formação do conhecimento acadêmico

O currículo do curso de Pedagogia, em muitas realidades acadêmicas, atende uma configuração geral, universal na que tange as formas de conceber os conteúdos referenciados na compreensão epistemológica de desenvolvimento humano, fundamentado em uma linha evolutiva que compreende o processo de complexificação e amadurecimento cognitivo dos seres humanos entre “ construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas” (PIAGET apud FREITAS, 2000, p. 64).

Entretanto essa configuração nem sempre está voltada ao desenho do processo de inclusão social, pois não atende as indiossincrasias, as especificidades, a interculturalidade dos saberes dos povos que vivenciam a diversidade intersubjetiva a culturalidade própria, peculiar em comunidades, aldeamentos e povoamentos. Diante dessa realidade, o componente Educação do Campo no curso de Pedagogia, intenciona atender a essa perspectiva de atuação política pedagógica diferenciada e contextualizada, a partir do reconhecimento da realidade do território social do e no campo.

Assim a formação acadêmica é um desafio eminente que traz, na prática, agregações de valores da intersubjetividade do formador, na politização do campo teórico próprio e permite uma atuação com interconexões afetivas do lugar de onde emite conceitos, propõe análises, infere conhecimentos e provoca aprendizagens, pois “[...] ser professor obriga as opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (NÓVOA, 1992, p. 10)

A “maneira de ser” implicada na “maneira de ensinar” a que se refere Nóvoa (1992), remete ao lugar da autora, as origens, os princípios políticos ideológicos, que apresenta-se no âmbito de uma ruralidade construída nos alicerces do desenvolvimento da infância e adolescência e preponderou na constituição de processos contundentes, como docente da disciplina Educação do Campo.

Não por acaso, os conceitos que atribuímos cognitivamente de objetos materiais ou de razões imateriais, tem uma significação do lugar que representamos na sociedade e revela os processos identitários construídos ao longo das vivências sociais e grupais. Pois:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar de processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NÓVOA, 1992, p. 16)

Nessa perspectiva entendemos que conceituar é revelar processos identitários próprios, construções de maneiras de ser e de estar, entretanto, a postura conceitual dos atores e atrizes não pode ser fixa, imutável, mas processualmente cabível de mudanças.

Não podemos imaginar que atribuir significados não tem relacionalidade com os processos identitários, com as vivências historicamente elaboradas dos seres humanos na sociedade, pois conceituar implica corroborar com as maneiras de ser e estar, seja como docente ou discente. Ambos os papéis reforçam uma construção identitária peculiar, daí a relevância de buscar a conceituação como instrumento metodológico nas discussões em sala de aula. Destarte, entender os conceitos atribuídos pelos estudantes torna-se uma prática que fundamenta as aprendizagens significativas.

Para entender a importância de fazer uso cognitivamente do conceito na construção de espaços cognoscitivos, a referência vygotskyana atribuída à definição de sentido, reflete as dimensões alocadas no pensamento, na linguagem para o estudo da consciência, pois para Vygotsky (1934/2001b, p. 398) “O significado é um traço constitutivo indispensável da palavra [...] não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos”. Nesse sentido, o pensamento conceitual é uma emissão de valores gerais, através de uma linguagem, atribuída como significado daquilo que racionalmente e relacionalmente se apresenta.

Vygotsky(1934), fornece alicerces para entender a importância de estabelecer conceituações diversas como possibilidade de mutabilidades dos significados. Essas abstrações são importantes para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem e pode ser utilizado como recurso metodológico para a aprendizagem em todas as fases do desenvolvimento humano. É o que afirma o autor:

A descoberta da inconstância e mutabilidade dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a descoberta principal e única capaz de tirar do impasse a teoria do pensamento e da linguagem. O significado da palavra é inconstante. Modifica-se no processo do desenvolvimento da criança. Modifica-se também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento. É antes uma formação dinâmica que estática. (VYGOTSKY, 1934/2001b, p.407, 408).

Para Vygotsky, descobrir um processo inconstante de mudanças nos significados daquilo que atribuímos, realça o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Compreendemos com essa referência, a existência de uma condição processual dos conceitos e como essas significações conceituais estão relacionadas aos processos identitários, que também apresentam na condição de flexível, mutável. Para tanto atribuir significados é apresentar identificações específicas das vivências comuns dos seres humanos na sociedade. A mudança conceitual atua diretamente na transformação dos valores apreendidos dos indivíduos no meio.

Diante disso, apresentaremos as representações conceituais sobre a categoria campo, realizadas pelos estudantes do terceiro semestre do curso de Pedagogia, no Componente Disciplinar Educação do Campo, da Universidade do Estado da Bahia/Campus VIII. Há uma intenção de trabalhar tais conceitos em uma extensão de motivos. A primeira para entender quais os conhecimentos prévios atribuídos a essa categoria, e como são colocados, sem o impacto da disciplina. Depois intenciona analisar de forma compreensiva, os resultados do componente na formação do corpo discente, na concepção do significado categórico de campo, ou seja, se houve a introdução de elementos apropriados para fundamentar a concepção desse processo.

Cumpramos sublinhar que o significado de campo, para o senso comum, possui restrições conceituais, pois remete a inferioridade política, ideológica e cultural que vivenciam os povos.

ANÁLISE DA CATEGORIA CAMPO, A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

A abordagem, nessa circunstância de sistematização, pretende desenvolver compreensões a partir das respostas de cinco estudantes do curso de Pedagogia, colaboradores na pesquisa, sobre o conceito de campo. É importante

retratar que não foi possível apresentar todas as respostas, devido às limitações desse espaço, por isso houve um processo de escolha antecedente e criteriosa dessas respostas que atendem de forma focalizada a discussão, no entanto todas as respostas foram lidas e consideradas para a análise.

Para tanto, o conceito de campo possui uma abrangência de representações teóricas, empíricas, subjetivas e intersubjetivas importantes para o foco de análise, pesquisas, reflexões sobre essa temática e suas vertentes. A compreensão desse foco como tendência de pesquisas, para o campo de Pedagogia, possui significados relacionados a perspectiva do reconhecimento das lutas camponesas, valorização dos saberes, da cultura, enfim, representação da diversidade cultural dos povos.

Quando referimos sobre Educação do Campo, Escola do Campo, ambiência do campo, Campesinato e etc. pretendemos como isso, reconhecer com evidência que esse espaço social é um processo de construção das relações humanas em territórios agregadores de uma diversidade representativa da história brasileira. Assim, estamos referindo ao campo como território geográfico, político, religioso, pois:

[...] as relações não se desenvolvem no vácuo, mas sim nos territórios. As relações são construídas para transformar os territórios. Portanto, ambos possuem a mesma importância. As relações sociais e os territórios devem ser analisados em suas completividades. Neste sentido, os territórios são espaços geográficos e políticos, onde os sujeitos sociais executam seus projetos de vida para o desenvolvimento. (FERENANDES, 2006, p. 29)

Esse reconhecimento tem uma relevância teórica, empírica e epistemológica, porque fundamenta a desconstrução ideológica que percebe o campo como inferiorizado de todas as formas; a principal configuração de inferioridade é a negação de políticas públicas assistenciais que permite a sobrevivência dos povos, a educação escolar é um exemplo.

Ao que se denomina de Educação e Diversidade na campo, essa díade comungam por vias estreitas no ciclo de conteúdos como esse, que possibilitam a formação do profissional em Educação subsidiado pelas relevâncias da contextualização do conhecimento; das agregações políticas territoriais; do manejo e da importância que o trabalho com a terra possui para os sujeitos do campo e da cidade; dos sentimentos de pertencimento; da questão indígena, quilombola; dos cultos religiosos; das crenças e ditos populares; da lendas sagradas; dos rituais de passagem, enfim todas as indiosicrasias que representam a memória, ancestralidade na história do Brasil, numa visão etnometodológica, para tanto, interativa, sensível, sensitiva sobre essa questão porque: “[...] é preciso que tenhamos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza”. (MONTAAN, 2006, p.184)

Nesse interim, apresentaremos as representações conceituais dos estudantes de Pedagogia sobre o conceito de campo e serão analisadas a fim de tecer as relevâncias do processo de formação do conhecimento na universidade, pois tais conceitos foram produzidos antes da execução do componente disciplinar e também na sua finalização. A formação universitária pode ser capaz de produzir e reproduzir conhecimentos, novos conceitos, quebra de paradigmas, revisões de valores e outros sentimentos tanto de construção como de desconstrução para a sintonia de um senso comum elaborado de significações científicas, para tanto valorativas de sentidos reais.

REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL DA CATEGORIA CAMPO

Apresentaremos nessa análise, uma representação conceitual da categoria campo de forma a compreender o entendimento dos estudantes sobre esse objeto, com vista à análise sobre o nível de compreensão e principalmente o impacto da formação universitária, no âmbito do componente, na articulação de elementos referenciais e científicos no diálogo com esse conteúdo.

Podemos como isso, discutir as diversas maneiras em que se entende previamente essa categoria e também após a finalização do componente, colocando as mudanças pertinentes e as significações nesse processo formativo. Ademais, o conceito de Campo está diretamente relacionado a percepção de territórios agregadores de relações

políticas, religiosas, econômicas, ideológicas e culturais pois: “O campo da Educação do Campo é analisado a partir do conceito de território, aqui definido como espaço político por excelência, campo de ação e de poder, onde se realizam determinadas relações sociais (FERNANDES, MOLINA, p. 01, S/D[1])

As Diretrizes Curriculares para a Educação Básica no Campo, constitui um marco legal na luta e conquistas de direitos pelos movimentos sociais do e no campo e conceitua, a Educação do Campo como:

Art. 1º A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros (BRASIL, 2008)

Essa legitimidade é fundamental para o movimento político da Educação do Campo, porque reafirma o compromisso com a luta pela sobrevivência nesse âmbito. O texto da lei deixa evidente e característico as especificidades dos sujeitos do campo, conceituando assim as particularidades próprias e existenciais. Assim, segundo as diretrizes, o campo constitui de: “agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros”

As referências conceituais de campo expostas pelos estudantes de Pedagogia, trazem uma discussão, também empírica com o intuito de entender o que se compreende desse conceito, do ponto de vista histórico, político, ideológico. Dessa maneira, a primeira estudante E1, faz referência previamente ao conceito de campo como: “*lugar onde se planta e cria, o personagem principal é o homem, em nossa região “o sertanejo”[2].* Ele também precisa da educação”. Esse espaço geográfico que a estudante conceitua aparece como um lugar que planta e cria animais e a simbologia do “sertanejo” é apresentado no conceito como imagem principal. A discente, com a finalização do componente define campo como: “*leituras do campo; compreender campo e rural; pertencimento; território; preconceito; maior valorização; educação contextualizada; valorização da terra*”. É possível compreender que o conceito prévio da discente tem agregações de valores simbólicos importantes, e se complementa na introdução de outros fundamentos para entender a categoria, como: a diferença de campo e rural; a ideia de pertencimento; território; a valorização da terra. Torna-se perceptível uma elaboração fundamentada, que incrementa e potencializa o sentido conceitual.

Na discente E2, o conceito prévio apresenta como “*Uma delimitação humana criada para definir uma região pouco urbanizada, onde pode-se encontrar uma predominância de agricultores sertanejos (na região dos sertões) camponeses, etc*”. O conceito se limita como um lugar diferente em relação ao espaço urbano e a representação do sertanejo como um ator do campo, é perceptível. O segundo conceito refere em uma visão dicotômica entre rural e campo. Eis o que afirma o estudante:

Apesar do meio rural está inserido no campo, ele é totalmente diferente quando nos referimos a questão social [...] uma vez que o campo tem suas histórias, valores culturais, territorialidades e pertencimento, sendo os sujeitos desses locais atores de suas lutas por reconhecimento e melhorias em suas condições. Pelo lado rural, observamos o foco como o agronegócio, local completamente contrário ao povo do campo. Não é só um local de plantação e paisagens, mas um local de lutas e reconhecimento. (ESTUDANTE 2)

Além de não limitar o entendimento sobre campo no conceito utilizado no término da disciplina Educação do Campo, o estudante também revela implicações que fundamentam com propriedade acadêmica, do ponto de vista teórico, a compreensão da categoria. Nesse sentido pontua sobre a diferença entre rural e campo desenvolvendo, para a discussão, compreensões dos aspectos: cultural, as lutas e a problemática do agronegócio.

É importante sublinhar que uma grande participação de estudantes definiu campo como um espaço diferente da cidade, pois aparece como: “*[...] tudo aquilo que foge da rotina agitada da cidade;* (ESTUDANTE 3). Já outro discente,

na mesma sintonia, revela que: “*Campo é uma região afastada da cidade, onde o trabalho predominante a agricultura e que também tem falta de elementos característicos da cidade como por exemplo: trânsito, lojas, veículos e entre outros* (ESTUDANTE 4). Sobre a perspectiva de conceituação de campo, tendo como referência a cidade, Caldart (2010) corrobora afirmando que:

O campo é mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (CALDART, 2002, p.10)

É perceptível nas diversas linguagens dos estudantes e das demais pessoas na sociedade, pensar o campo agregado às condições da cidade. Esse meio social tido como “interior” está no imaginário humano referenciado na sua incapacidade de desenvolvimento urbano, ou seja, o campo apresenta como uma não cidade, e por isso ideologicamente representa um espaço de conotações inferiorizadas; também para os atores e atrizes que ali se encontram tem a referência do atrasado, não desenvolvido ou mesmo involutivo.

A intenção política e militante de interferir como docente na formação subjetiva dos discentes, ou mesmo pesquisar e aparecer pesquisadora da Educação do Campo, da autora, perfaz de propriedade para conceituar campo como: lugar de luta, resistências aos processos de dominação política no Brasil ao longo da historiografia; território social, político e cultural de construção e desconstrução de processos identitários próprios e capazes de gerar uma referencialidade de Movimentos sociais (campeinato) e de classe, pelos embates, conquistas no cenário social; palco de grandes manifestações interculturais, subjetivas, de evocação do sagrado

A definição prévia da discente 03, não foi alterada com o impacto da disciplina, pois a mesma agregou a significação, a posterior, como: [...] *mais que um lugar tranquilo, pois se caracteriza por um espaço geográfico, onde se constituem territórios a partir das relações sociais e que também é um lugar marcado por conflitos*. (Estudante 3). Percebe-se para essa estudante não consegue aprofundar com elementos que foram discutidos no âmbito da operacionalização disciplinar, há poucos elementos no conceito anterior em relação ao posterior. Fica evidente a fragilidade na formação acadêmica, para muitos.

A estudante 4, traz revelações que destaca, agregações de valores conceituais fundamentados em discussões relevantes para a temática. A mesma apresenta o campo, como:

[...]um lugar onde podemos encontrar vários processos identitários, e que os sujeitos que compõem esse lugar valorizam a terra até porque é dela que retiram seus sustentos. É um trabalho que precisam cada vez mais ser valorizado para que os sujeitos que compõem esse lugar possam cada vez mais ter orgulho de falar sobre o seu lugar, expor o seu pertencimento. (ESTUDANTE 04)

Outra estudante, retrará que:

Percebo que o conceito de campo me remetia ao espaço geográfico, agora vejo a dimensão do território em sua multidimensionalidade, é apenas estar presente sob ele. Campo é um lugar de pertencimento dos sujeitos, trazendo historicidades, de revoltas populares para alcançar suas autonomias, conquistas e direitos perante preconceito e inferiorizações sofridas. (ESTUDANTE 05)

A relação conceitual da estudante 04, está direcionada a percepção do trabalho no campo, o que destaca um entendimento significativo; um despertar para um objeto relevante tendo em vista que as situações em que vivem os trabalhadores rurais, carecem de proteção do ponto de vista da seguridade social, segurança, da saúde, educação e outros aspectos agregadores para a sobrevivência humana. A outra definição da estudante 05, evidencia uma discussão complexa porque atesta o rompimento com a questão geográfica, alocada a paisagem, pois a mesma consegue perceber outros elementos, como: conceito de território e a sua multidimensionalidade; campo como um

lugar de pertencimento e a relevância das lutas camponesas para intensificação de uma Educação do Campo.

Os momentos de formação são complexos e implicam em uma construção de conhecimentos capazes de construir e desconstruir conceitos. Sabemos como docentes que em todos os instantes, desafiamos e somos desafiados na prática da formação, seja nos impactos causados no processo de aprendizagem em um toque compreensivo que fundamenta o estar e o ser em sala de aula, seja na percepção de fracasso por não conseguir alcançar os objetivos previstos, principalmente com relação a aprendizagem discente. O importante é acreditar que estamos implicados nesse processo de aprender, desafiar o conhecimento e processar racionalmente uma autoavaliação capaz de criar espaço de percepção de si, na busca de melhorar a atuação, operando com instrumentais inovadores do ponto de vista teórico e metodológico.

Nessa circunstância de abordagem, podemos evidenciar que o processo formativo atingiu um limiar que revelou a construção de conhecimentos acadêmicos próprios, em muitos estudantes, construído no cotidiano da sala de aula. No entanto, em outros momentos, a formação não foi capaz de dimensionar conhecimentos que impactam em mudanças para futuros profissionais atuantes no campo educacional. Percebe-se a fragilidade da formação, porém, os desafios são eminentes e passíveis de enfrentamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do campo como componente disciplinar no curso de Pedagogia, tem uma dinâmica específica, própria porque estabelece conexões importantes para entender a importância da contextualização dos conhecimentos para a afirmação dos processos identitários dos atores e atrizes, estudantes, nos diversos espaços e papéis vivenciados no âmbito da sociedade.

A dinâmica de intensificação e implementação de novos conceitos na formação acadêmica, interfere diretamente na dimensão da prática dos profissionais em educação, na pesquisa e outros espaços informais.

Foi possível compreender nessa pesquisa que a emissão de conceituações pelos estudantes, tem uma relação direta como os processos de identificação dos atores e atrizes. As identidades e os conceitos sofrem mudanças significativas, apropriativas de transformações, flexibilidade, mutabilidade e acompanham o desenvolvimento cognoscitivo dos sujeitos na sociedade. Para tanto, emitir conceitos tem implicações metodológicas porque alarga-se compreensões e adquire conhecimentos, principalmente quando se intenciona em desmistificar os conceitos prévios.

Quando se fala de Educação do Campo, entendemos que esse conteúdo está implicado no texto da diversidade e a compreensão desse processo, possibilita a formação de profissionais da educação subsidiado pelas relevâncias da pluralidade cultural, a etnicidade, intersubjetividade dos processos próprios de ser e viver em comunidade.

[1] Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernar>

[2] As falas do correspondentes da pesquisa serão apresentadas em itálico para estabelecer diferença entre os autores.

REFERÊNCIAS

CALDART (Org.) **Educação do campo: identidade e políticas públicas**, Brasília, DF, articulação nacional por uma educação do campo, 2002. Coleção por uma educação do campo, n. 03

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Parecer nº 36/2001, CEB, DF, dezembro 2001.

FERNANDES. Os Campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território, In: MOLINA, M. C. (Org.) Brasil.

Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. Pgs. **27 a 39**

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, David. Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006. p. 183-209

MAZZOTA, Marcos J. S. Atendimento Educacional aos Portadores de Deficiência. In: _____. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-25

NÓVOA. A. **Vida de Professores**, 2 ed, Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1992.

MARQUES, Carlos A.; MARQUES, Luciana P. Do Universal ao Múltiplo: os caminhos da inclusão. In: LISITA, V. M. S. de S.; SOUSA, L. F. E. C. P. (Orgs.). Políticas Educacionais, Práticas Escolares e Alternativas de Inclusão Escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 223-239.

VIGOTSKI, L. S. (2001b). Pensamento e palavra. In I. S. Vigotski. A construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).

[1] Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernar>

[1] As falas do correspondentes da pesquisa serão apresentadas em *itálico* para estabelecer diferença entre os autores.